- **SOCIOLINGÜÍSTICA E DIALETOLOGIA III**
  Dia 29 - Local: CEL14 - 14:00-18:00
  Coordenador(a): *Sebastião Carlos Leite Gonçalves*

A EXPRESSÃO DO FUTURO

Denise Gassenferth, Elvine Siemens Duck, Edson Fagundes

Os resultados a serem apresentados têm como corpus amostras de ocorrências da expressão do futuro em obras literárias e não literárias publicadas nos últimos dez anos. Trata-se de um recorte em um trabalho maior que, além dessas amostras acessórias de ocorrências, tem como corpus também uma amostra de cerca de +- 2000 redações correspondentes à produção de texto conforme solicitado na questão 23 do vestibular 2003 da UFPR. Nesse trabalho, portanto, apresentar-se-á os dados relativos às obras literárias e não literárias.

Está se evidenciando um franco declínio do uso do futuro sintético no português do Brasil (PB). A expressão do futuro não se dá somente com o tempo verbal chamado futuro. Além do futuro sintético (estudarei) propriamente dito, analisaremos também a ocorrências de outras estruturas

que podem expressar futuridade: perífrase do futuro sintético (Irei estudar); perífrase constituída pelo verbo auxiliar ir no presente do indicativo mais o infinitivo do verbo dito principal (Vou estudar); a perífrase constituída por esta mais gerúndio (Vou estar estudando) ; ,perífrase constituída pelo futuro sintético mais gerúndio (Estarei estudando); presente do indicativo mais advérbio de tempo (Estudo amanhã); ocorrências contextuais de expressão de futuro (Só estudo com você se você se empenhar) ou ainda por meio de construções modais (Podemos estudar em sua casa) .

Consideramos que a expressão do futuro é fenômeno de variação geral no PB e os textos estudados indicam que a combinação de vários fatores lingüísticos é responsável pela expressão de futuridade no PB. Apesar das marcas, o futuro é tempo verbal, cuja força e produtividade estão nas diversas formas de que a língua portuguesa se utiliza para expressá-lo.

ASPECTOS METODOLÓGICOS NA CONSTITUIÇÃO DE CORPORA DE FALA ESPONTÂNEA

Sebastião Carlos Leite Gonçalves (UNESP), Luciani Ester Tenani

Nesta apresentação, tratamos de aspectos metodológicos na constituição de um banco de dados anotado com amostras do português falado na região de São José do Rio Preto (noroeste do estado de São Paulo), projeto que vem sendo desenvolvido para atender as necessidades do Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF) do IBILCE/UNESP, cujas pesquisas de orientação sócio-funcionalista enfocam a língua em uso. Sob tal orientação, a linguagem é concebida como um instrumento de interação social, usado com a finalidade precípua de estabelecer relações comunicativas entre os seus usuários, o que permite considerar todo e qualquer enunciado como mensagem e como evento de interação (Dik, 1989). Pautados por esses objetivos, serão constituídos dois tipos de amostras: (i) amostra do censo lingüístico da região de São José do Rio Preto, envolvendo 152 informantes, estratificados em sexo/gênero, faixa etária, escolaridade e renda familiar; (ii) amostra de interação dialógica, envolvendo 10 pares de interlocutores, cujos perfis sociais são estabelecidos por diferentes graus de assimetria social. A diretriz metodológica está baseada nos preceitos básicos da Sociolingüística e nas experiências bem sucedidas de grupos que constituíram banco de dados semelhantes (NURC, PEUL/UFRJ, VARSUL, "Gramática & Discurso"/UFRJ). Entretanto, no desenvolvimento desse nosso projeto, vimos nos deparando com problemas de execução metodológica, principalmente no que diz respeito à seleção de informantes, à coleta das entrevistas e à elaboração de um sistema de transcrição dos dados lingüísticos, problematizações que elaboramos e trazemos à discussão, como contribuição para projetos similares. (Apoio Financeiro: FAPESP - Proc. 03/08058-6).

CONSIDERAÇÕES SOBRE A REGRA VARIÁVEL DO USO DOS PRONOMES POSSESSIVOS DE SEGUNDA E TERCEIRA PESSOAS NA FALA CATARINENSE

Joana Arduin (UFSC)

O presente trabalho tem por objetivo discutir o estatuto da regra variável em pronomes possessivos de segunda (teu/seu) e terceira (seu/dele) pessoas, usados na fala catarinense, com base na proposta de Labov (1972). A discussão retoma as noções de mesmo contexto, valor de

verdade e significado a partir de três funções fundamentais: representacional; identificacional e de acomodação. Esses planos diferentes serão estudados com o propósito de responder se estamos diante de regras variáveis ou não. Em certos contextos, por exemplo, o uso dos possessivos de segunda pessoa parece ser variável, como atestam (1) e (1'): (1) "Monique, teu pai é o Joel e a tua mãe é a Ângela." (SCFLP07L885); (1') "Monique, seu pai é o Joel e a sua mãe é a Ângela". Já em contextos de terceira pessoa, nem sempre se verifica o uso variável, como em (2) e (2'): (2) "Em casa, cada um segue a sua religião que quer, né? (SC FLP17L671); (2') "*Em casa, cada um segue a religião dele que quer, né?". Os dados que respaldam a análise foram retirados de entrevistas pertencentes ao Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana da Região Sul do Brasil) do Estado de Santa Catarina.

MATTOSO CÂMARA E O PORTUGUÊS DO BRASIL: UMA HIPÓTESE

Tania Alkmim (UNICAMP)

O presente trabalho se propõe a apresentar e discutir a posicão de Mattoso Câmara a respeito da questão do português do Brasil frente ao de Portugal, a partir do artigo "Línguas européias de ultramar:o português do Brasil" (Dispersos. Rio, FGV, 1975), de 1963. Nesse referido texto, Mattoso Câmara discute a inadequacão das teses evolucionista e substratista (substratos indígena e africano),e assume a hipótese da existência de um crioulo português, falado por escravos, que poder estar na base da explicacão de algumas inovacões do português do Brasil.

O FUTURO DA DÉCADA DE 70

Josane Moreira de Oliveira (UFRJ)

Neste trabalho são observadas formas verbais indicadoras de futuridade em textos orais da chamada norma culta (Projeto NURC), gravados nos anos 70 do século XX. Tomando por base a Sociolingüística Variacionista e a Hipótese da Gramaticalização, analisam-se dados de fala em modos de interação distintos (EF e DID) de duas cidades brasileiras: Salvador e Rio de Janeiro. Os resultados têm apontado para a preferência de uso de formas sintéticas ("estudarei", "viajará") na fala formal e de formas perifrásticas ("vou estudar", "vai viajar") na fala informal. Confirma-se ainda o processo de gramaticalização do verbo "ir" como auxiliar de futuro no português.

O MODO BRASILEIRO DE DIZE : A CARACTERIZAÇÃO DO PORTUGUÊS DO BRASIL NOS ANOS 20

Lilian do Rocio Borba (UNICAMP)

A relação entre língua, identidade e nação é um fenômeno que se inicia no final da Idade Média, durante a constituição dos Estados modernos europeus. Fruto de processos políticos, a cada nacionalidade corresponderia um espaço físico e uma língua, construindo-se uma imagem em que se vincula língua e nação.Apesar de, no Brasil, a língua nacional não ter entrado na pauta da política de independência, a questão passou - e passa - por momentos importantes no processo de construção da identidade nacional. As famosas polêmicas sobre se a língua que se fala e se escreve no Brasil é o português ou o brasileiro são um exemplo.

Nosso objetivo é estudar a abordagem e a caracterização do idioma no que diz respeito ao caldeamento de raças que compõem a nação. Para tanto, se no processo de pensar e explicar o país, os anos 30 são um período fundamental em que o ensaísmo foi o gênero preponderante entre os intelectuais brasileiros; há que se observar os anos 20, quando se inicia o abandono de teorias eugênicas vigentes, postulando-se uma re-visão da cultura nacional como um todo. Nos estudos sobre língua, nomes como o de João Ribeiro, Antenor Nascentes, Mario Marroquim e Amadeu Amaral concorrem para a caracterização da língua nacional e serão referência para a geração posterior. A partir de uma reflexão sociolingüística no que diz respeito aos discursos e saberes sobre a língua, parte dos trabalhos desses autores serão nosso objeto de estudo. Tentamos verificar para que lado sopravam os ventos na caracterização da língua, considerando-se a nação mestiça.

O USO DOS CLÍTICOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E EUROPEU CULTO FALADOS: ESTUDOS PRELIMINARES

Niguelme Cardoso Arruda (UNESP)

Mudanças/variações lingüísticas ocorrem proporcionalmente à ocorrência destas em um contexto social, bem como às modificações temporais, permitindo que se percebam diferenças em um mesmo "sistema lingüístico", falado por grupos sociais distintos. Partindo desse princípio, supõe-se que o português brasileiro (PB) apresenta particularidades lexicais, fonético-fonológicas, morfológicas e sintáticas - esta última sendo o foco do estudo aqui proposto -, que não são encontradas no português europeu (PE). É o que acontece, por exemplo, com o objeto direto pronominal: o que no PE costuma ser representado por clíticos, no PB ocorre, usualmente, na forma de pronome lexical (contrariando a gramática tradicional (GT)), ou até mesmo de apagamento desse objeto. Dessa forma, o estudo aqui proposto abordará algumas considerações preliminares acerca do uso do objeto direto no PB e no PE em variedade culta falada, utilizando-se da sociolingüística variacionista como sustentação teórica e para a análise de dados. Pelo fato de se tratar de realidades sócio-culturais distintas, porém usuárias de uma "mesma língua", pressupõe-se a presença de particularidades lingüísticas, de um modo geral, e sintáticas, em particular, que distinguem o uso da língua feito em uma e em outra comunidade. Para o desenvolvimento deste estudo, é proposta a observação de como se comportam lingüisticamente os falantes (nativos) do português culto (padrão) brasileiro e europeu. Entendendo que tais falantes são pessoas com formação acadêmica; isso por pressupor, em função de um conhecimento sistematizado adquirido, serem esses os usuários do código com construções lingüísticas que mais se aproximam daquilo que a GT estabelece como "lingüisticamente correto".

SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Jair Benjamin da Silva (UNESP)

Meu principal objetivo é enfatizar a importância dos estudos lingüisticos variacionistas numa perspectiva mais moderna e plausível com o ensino de língua materna nas escolas. Gostaria de

dispor aos participantes deste tema, reflexões a cerca das diversas formas lingüísticas usadas pelos falantes nas diversas situações cotidianas.

As variações lingüisticas seriam espécies de ramificações da Sociolinguistica, este ramo associaria varias linhas de pesquisas desta área como: Etnolinguistica, Psicolinguistica, Análise do Discurso e outras pressupostas.

A Teoria variacionista e os estudos lingüisticos ficam restritos somente ao meio acadêmico ou em apresentações de seminários e simpósios . Proponho que este tema seja levado além disso, ou seja, estes assuntos poderiam ser expostos fora de ambientes acadêmicos, nas escolas , destinado aos alunos da rede pública de ensino que precisam ter mais noção de como falam, mas muitas vezes não se dão conta de como o fazem.

Se me oportuno for, mostrarei as diversas formas variacionistas existentes na linguagem e os níveis de fala numa determinada comunidade, pondo em questão a linguagem oral que afeta a escrita. Apresentarei exemplos de reproduções de falas que marcam os níveis morfológicos, sintáticos, lexicais e fonológicos.

Colocarei em questão os fatores extralinguisticos que condicionam os falantes de um determinado grupo social e essa estratificação social que irei focalizar e o propósito é avaliar este efeito lingüistico, buscando novas possibilidades para tornar o "caos lingüistico" menos complexo do que dizem.

As pessoas podem falar como elas querem (democracia da língua), mas existem normas a serem aceitas pôr uma comunidade: norma culta, padrão, coloquial, simples, erudita, vulgar etc..

Temos que levar este conhecimento lingüistico para as escolas e fazer com que os alunos se expressem melhor, leiam mais, tornando os mais acessíveis a escrita.